

Dos apoios sociais às urnas, a candidatura sem rosto

Lisboa Em Arroios, uma das 24 freguesias da capital, há uma candidatura sem hierarquia ou rosto para pôr em cartazes



Membros da candidatura da BASE, Ana, Mariana e Pedro, na biblioteca da associação RDA
FOTO TIAGO MIRANDA

JOÃO DIOGO CORREIA

Apesar de se ter instituído como interrupção da vida nas cidades, a pandemia não inventou a carência — habitacional, alimentar e outras. “Já cá estava tudo, para nós já era claro.” Viam-se os trabalhadores do turismo sem vínculo laboral, o desequilíbrio entre o preço das casas e os salários, pessoas a viver na rua, adivinhava-se o que a covid-19 veio despír. E foi depois de Lisboa se ter tornado

uma “cidade de zombies” que uma piada com anos — ‘e se nos candidatássemos à junta?’ — acabou a acontecer.

No boletim de voto para as eleições à Junta de Freguesia de Arroios, uma das 24 freguesias de Lisboa, vão aparecer dez candidaturas, oito de partidos tradicionais, uma do ‘Nós, Cidadãos’, partido que tem servido de barriga de aluguer para vários independentes, e, no segundo lugar do boletim, o Arroios BASE (Bairro Autonomia Solidariedade Ecologia), um conjunto de vontades difícil de encaixotar, sem hierarquia, sem preocupações de identidade política, antes com “a forma de fazer as coisas”, onde mesmo para escolher a candidata foi preciso recorrer a sorteio.

Não espanta que na conversa com o Expresso tenham estado três membros da BASE. Podiam ter sido quaisquer outros. “Uma má ideia bem dita não passa a ser uma boa ideia. Não os preocupa saber quem diz o quê.”

A BASE é feita por um grupo de pessoas ligadas ao trabalho associativo em Lisboa e sobretudo em Arroios.

É o que se pensaria um exemplo da sociedade civil a funcionar. Mas é mais que isso. “A nossa candidatura aproxima-se mais de uma outra tradição, que no sul de Espanha está muito em voga, que é a do municipalismo. A escala do Governo nacional é impossível.” Mas a intenção não é “apenas ser diferente”.

“Encontramos vícios e desvantagens na forma como os partidos se candidatam às eleições”, e isso revela-se, dizem, nas promessas eleitorais, nas decisões tomadas a partir dos gabinetes ou na personalização das candidaturas, como a do PS, centrada na figura de Margarida Martins, “uma pessoa que se faz notar”, e que em setembro tenta chegar ao terceiro mandato.

“Queres cortar o cabelo?”, ouve-se no número 49 do Regueirão dos Anjos, o que à partida não seria de esperar num espaço conhecido por servir refeições.

Acontece que uma das sedes da associação social e cultural RDA 69 (Recreativa dos Anjos), aqui instalada há mais de dez anos, foi abalroada pela pandemia. Quando o país se fechou em casa, cafés com trancas à porta, “onde é que as pessoas iam pedir um copo de água ou comer um bolo seco ao fim do dia?”

Ana, Mariana e Pedro, os três membros da BASE que conversam com o Expresso, sem quererem divulgar os apelidos, fazem parte do RDA. À frente deles, está agora uma dúzia de tendas a servir de abrigo a cerca de duas dezenas de pessoas, que à hora das refeições se juntam na associação para cozinhar uma refeição e empurrá-la com o que houver de beber.

O 49 do Regueirão, nas traseiras do Banco de Portugal, nunca foi um restaurante no sentido literal. É certo que vendia refeições a baixo custo, mas cada pessoa lavava a sua louça, por exemplo, abolindo-se a ideia de serviço.

Quando a pandemia estalou, os “amigos do RDA” que aqui vinham comer, beber, ver um filme e jogar às cartas, foram substituídos por quem nem sabia onde é que se podia tomar um banho quente. “Havia peregrinação à porta do RDA”, filas de 200 pessoas com pedidos que iam do banho à comida ou a uma tomada para carregar o telemóvel.

“Fizemos campanha a pedir ajuda aos amigos” e os donativos dispararam, mas “nunca tivemos mais de 1500, dois mil euros para

gastar em alguma coisa”.

Se a BASE vencesse a junta, com o orçamento que estimam próximo dos quatro milhões, “íamos à Lua”.

É certo que a BASE e o RDA não são o mesmo. “Há muita gente de fora”, até de outras freguesias, mas a lógica de funcionamento tem muito de comum.

“Todas as pessoas que ali estão”, explicam Ana, Mariana e Pedro, já no outro espaço do RDA, a biblioteca uns metros abaixo, “são sem-abrigo e agora organizam-se [no 49] autonomamente.

É a nossa forma de fazer”.

Não há um programa ideológico, mas há ideias concretas, como a de criar um shuttle que atravessasse Arroios.

E, sabendo da dificuldade de ganhar a junta, há vontade de fazer “sobretudo barulho, denúncia”. Porque se muitas destas formas de atuar são replicáveis em qualquer parte, “não foi noutra junta que foram descobrir 200 pessoas refugiadas em pensões e quartos para 40. Foi em Arroios. E todos sabiam”.

O tipo de ciência que se ganha na rua, garantem. A mesma que lhes diz que os ensinou que “não é possível pensar isto”, sendo ‘isto’ a ação política, associativa, de proximidade, “sem as pessoas que aqui vivem e trabalham participem também”.

jdcorreia@expresso.impresa.pt